

Inflação teve nova alta em agosto

A inflação oficial do País, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou 0,23% em agosto. Frente ao apurado em julho (0,12%), houve um aumento de 0,11 ponto percentual (p.p.) na passagem do mês. Esta variação positiva é a segunda consecutiva após a deflação registrada em junho (-0,08%) sinalizando que o processo de desinflação observado ao longo do primeiro semestre perdeu força e a inflação ainda mantém seu viés de alta. Além disso, o resultado destoava bastante do de agosto de 2022 (-0,36%).

Na construção do resultado, os maiores impactos inflacionários vieram da energia elétrica residencial (0,18 p.p.), da gasolina (0,06 p.p.) e do automóvel novo (0,05 p.p.). Na outra direção, houve pressão deflacionária, sobretudo, por conta da passagem aérea (-0,07 p.p.), do etanol (-0,03 p.p.) e de gêneros alimentícios como a batata-inglesa (-0,03 p.p.) e o leite longa vida (-0,03 p.p.).

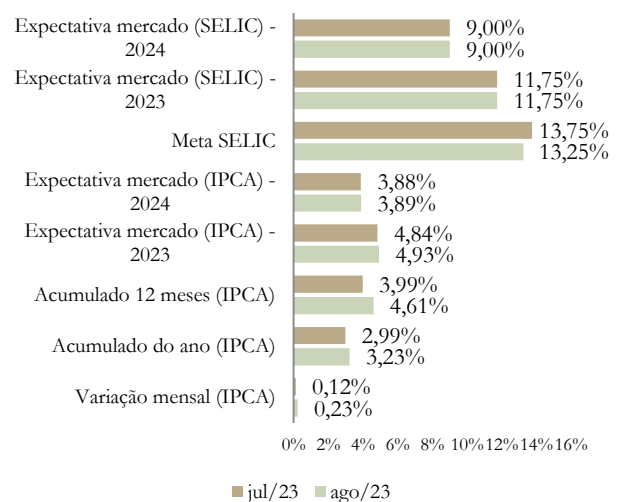
O IPCA acumulado no ano de 2023 é de 3,23% e o nos últimos doze meses é de 4,61%. Resultados ligeiramente mais baixos do que o esperado pelo mercado. Outro movimento desejável foi observado na inflação de serviços que tinha registrado 0,25% em julho e caiu para 0,08% em agosto, acumulando 5,43% em doze meses. Entre os preços monitorados o movimento é oposto. O índice monitorados saiu de 0,46% em julho para 1,26% em agosto e acumula 7,69% em doze meses.

Em agosto, o índice de difusão voltou a superar os 50%, após dois meses abaixo deste nível. O indicador que mostra o percentual de itens com

aumento de preços fechou o mês em 53,05%, um aumento de 6,9 p.p. na passagem do mês.

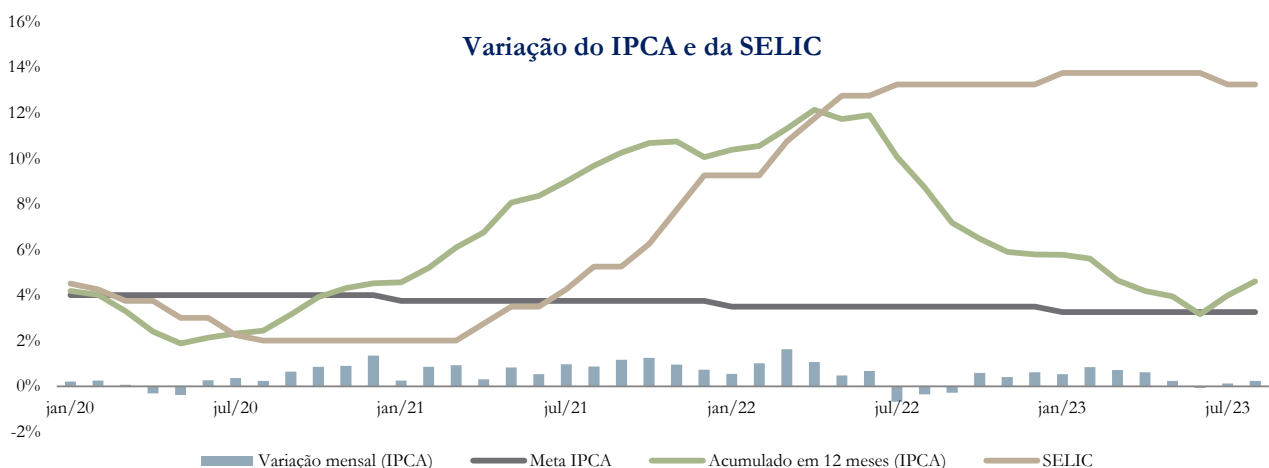
Nesse contexto, as expectativas de mercado para o IPCA no final de 2023 foram elevadas pra 4,93%, o que representa uma alta de 0,09 p.p. nas últimas quatro semanas, segundo o relatório FOCUS de 08 de setembro de 2023. Já para o final de 2024, a expectativa é de que a inflação oficial feche o ano em 3,89%. Mesmo sendo um cenário mais otimista do que o de meses anteriores, se realizada tais projeções, em ambos os casos, a meta de inflação não será cumprida, estourando o teto da meta (4,75%). Além disso, para os preços administrados, espera-se que o nível seja de 10,10% no final de 2023 e de 4,28% em 2024. Por fim, o mercado acena com a possibilidade de que a SELIC feche em 11,75% no final de 2023. E só no final de 2024 é que se espera a SELIC abaixo de dois dígitos (9,00%).

Resultados



Fonte: IBGE e Bacen

Variação do IPCA e da SELIC



Fonte: IBGE e BACEN

Em agosto, três dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE apresentaram deflação diante do mês anterior: alimentação e bebidas (-0,85%), comunicação (-0,09%) e artigos de residência (-0,04%). Vale ressaltar que alimentos e bebidas é o grupo mais pesado dentro da cesta de consumo das famílias e, em conjunto com comunicação e artigos de residência, representam pouco mais de 31,0% do IPCA.

A deflação em alimentação e bebidas gerou o maior impacto negativo no IPCA (-0,18 p.p.) e deve-se a redução dos preços na alimentação no domicílio (-1,26%) pelo terceiro mês seguido e a alimentação fora do domicílio (0,22%). Entre os itens, as principais quedas da alimentação no domicílio foram em tubérculos, raízes e legumes (-7,34%), hortaliças e verduras (-3,50%), aves e ovos (-2,56%), carnes (-1,90%) e leites e derivados (-1,38%), as quais estão relacionadas com a conjuntura de oferta.

A deflação em comunicação gerou impacto de -0,01 p.p. no índice oficial de inflação, enquanto o recuo nos preços dos artigos de residência acabou tendo impacto nulo (0,00 p.p.).

Dentre os seis grupos que apresentaram variação positiva diante do mês anterior, habitação (1,11%) é o destaque. O impacto de 0,17 p.p. no índice é devido ao preço da energia elétrica residencial (4,59%), o qual foi responsável pelo maior impacto positivo (0,18 p.p.) e é atribuído ao fim dos bônus de Itaipu nas faturas dos consumidores.

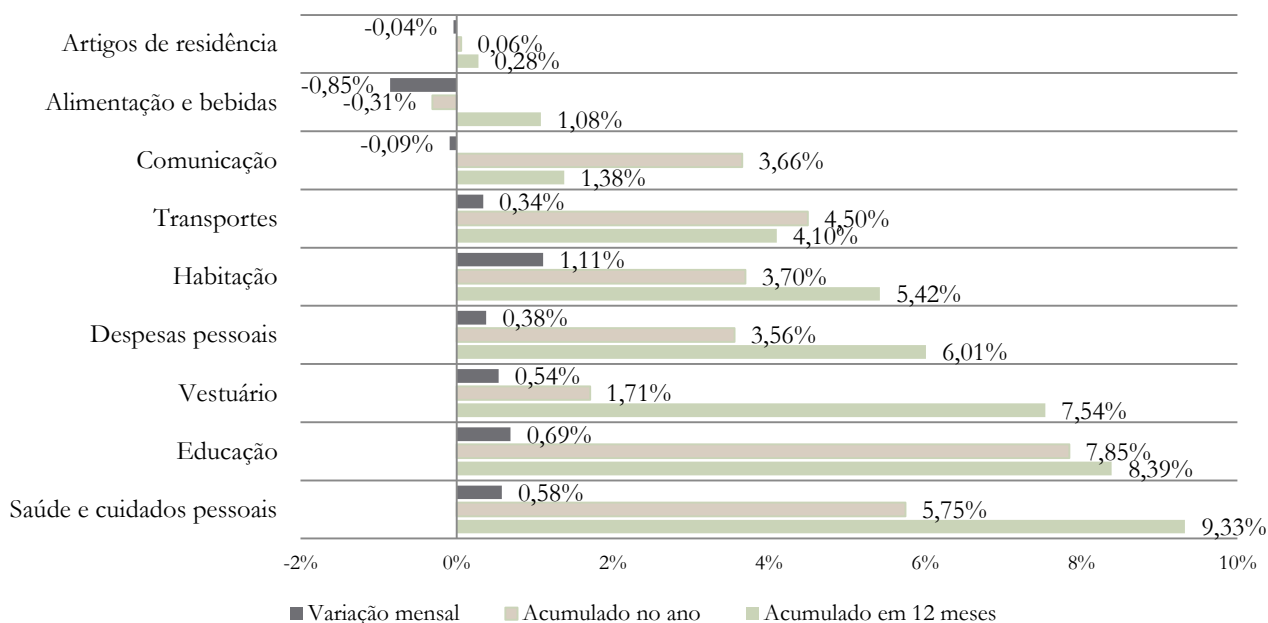
O grupo de saúde e cuidados pessoais apresentou alta de 0,58% adicionando 0,08 p.p. no IPCA, o segundo maior impacto no índice. Tal crescimento foi por conta de higiene pessoal que passou de -0,37% em julho para 0,81% em agosto. Além dos aumentos nos preços dos produtos para pele (4,50%) e dos perfumes (1,57%). Com isso, o grupo permanece sendo o de maior impacto no acumulado em 12 meses: 9,33%.

Transportes que tinha sido o vilão inflacionário de julho com crescimento de 1,50% e impacto de 0,31 p.p., desacelerou o ritmo de expansão dos preços e subiu 0,34%, impactando 0,07 p.p. o índice de agosto. Neste grupo, o destaque continua a ser o preço da gasolina, o qual se elevou 1,24%, além dos preços dos carros novos (1,71%), ambos adicionaram 0,06 p.p. e 0,05 p.p. no IPCA, respectivamente.

Na sequência, educação e despesas pessoais adicionaram 0,04 p.p. no índice geral, cada um. O grupo educação registrando aumento de 0,69% na passagem do mês e o de despesas pessoais de 0,38%.

Contrastando, o grupo vestuário que tinha mostrado variação negativa em julho (-0,24%), agora, cresceu 0,54% na passagem do mês e impactou o IPCA em 0,02 p.p. Tal movimento foi puxado pela alta em roupas (0,45%) e em calçados (0,93%). Não obstante, vestuário ainda continua entre os três grupos com maiores pressões inflacionárias sobre o indicador oficial, registrando 7,54% no acumulado em 12 meses.

IPCA por agrupamento – Agosto de 2023



Fonte: IBGE